

011

ARTE, TABUS E OS DESLOCAMENTOS DO SAGRADO. *Thiago Mello e Souza, Maria Amélia Bulhões Garcia*, Projeto Arte Contemporânea: um exercício irreligioso do sagrado (Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, UFRGS).

Iniciei a pesquisa quando essa já se encontrava em fase de conclusão, trabalhando na organização final dos documentos da pesquisa. Por meio da leitura dos trabalhos elaborados até então, preparei o texto referido, cujo conteúdo é resumido a seguir. Segundo Marcel Mauss, é concebido como sagrado tudo que por um grupo qualifica a sociedade. O sagrado, portanto, diz respeito ao fundamento último que dá vida, significado e ação às coisas. Sendo as mais variadas suas formas de manifestação, entende-se a arte atual como sendo um exercício irreligioso do sagrado, constituindo-se em uma forma particular de dar significado a objetos e ações no universo simbólico coletivo. Nas culturas arcaicas, o sacerdote escolhia objetos ou os construía revestindo-os como sagrados em lugares destinados pelo coletivo à essa finalidade. Marcel Duchamp, ao enviar o urinol para o Salão dos Independentes em 1917, negou o “culto” aos objetos da arte dita “tradicional”, mas uma dúvida paira sobre a arte contemporânea pós-Duchamp: até que ponto seu ato, e todo o desenrolar da arte contemporânea, não se apropriam da mesma noção de instituição de tabus pelo coletivo? Frederico Arnaud, em seu trabalho, “El Juego de los Milagros”, transfere elementos do universo religioso para um jogo de disputa infantil (pebolim) em que tais elementos são manipulados como marionetes. Ao transferir objetos do universo religioso cristão colocando-os em um novo espaço que por sua vez é contextualizado no espaço simbólico da arte, ele cria uma ironia que critica a manipulação da religião com finalidades de poder. Esse tipo de abordagem da imagem explora as relações irreligiosas do sagrado na arte contemporânea.